

A NOVA LITERATURA:
O REALISMO COMO NOVA EXPRESSÃO DA ARTE
Conferência de Eça de Queiroz, dentro do ciclo realizado
pelos jovens da Geração de 70 no Casino Lisbonense

Como já assinalei na Nota Introdutória, não chegou até nós o texto original completo da conferência de Eça de Queiroz, pronunciada a 12 de Junho de 1871 — a quarta dentro do ciclo das chamadas Conferências Democráticas do Casino Lisbonense —, e dela só se preservaram os artigos e comentários publicados em diversos jornais: Revolução de Setembro, Diário de Notícias, Jornal da Noite, Diário Popular... Assinam tais textos o irmão do romancista, Alberto de Queiroz, Pinheiro Chagas, Luciano Cordeiro, tendo alguns aparecido anonimamente. O melhor e mais completo estudo do assunto encontra-se na obra de António Salgado Júnior: História das Conferências do Casino (1871), Lisboa, 1930.

O que agora se passa a apresentar, portanto, é uma série de excertos reveladores das posições mais incisivas de Eça de Queiroz a respeito do Realismo, de que esse jovem de 25 anos se fazia o primeiro e mais importante arauto e divulgador. Ideias que chegaram até nós filtradas pelo entendimento que delas tiveram alguns intelectuais e jornalistas contemporâneos, que as expressaram por vezes através de uma escrita simples e pouco elaborada. O que explica o emprego quase sempre da terceira pessoa, a presença por vezes de ideias mais ou menos corriqueiras, o carácter sobretudo informativo dos textos.

Subtraí os trechos que não diziam respeito directamente às questões estéticas e evitei as repetições de um artigo para outro de ideias

elou referências quando por de mais insistentes. Os subtítulos são da minha responsabilidade. Procurei fazer o menor número possível de intervenções, apenas as necessárias para o entendimento do conteúdo dos artigos.

*

O Realismo, a arte e a nova literatura

A seguir o artigo assinado pelo irmão do escritor, talvez o mais coerente e completo entre os publicados sobre o assunto: a princípio ele justifica-se pelo facto de escrever sobre Eça de Queiroz, prometendo fazê-lo com isenção: «não lisonjeio nem deprimio, digo a verdade.» Às vezes discorda do conferencista, considerando entretanto «notável» a maneira pela qual o irmão abordou o assunto da arte moderna. O articulista assume de tal forma a expressão das ideias do prelector que, insensivelmente, em certos momentos do seu artigo, desliza da terceira para a primeira pessoa.

A conferência do Sr. Eça de Queiroz

A conferência do Sr. Eça de Queiroz foi feita debaixo do ponto de vista de que, tendo a arte uma influência poderosa sobre os costumes e sobre a moral, devia contribuir o mais possível para realizar a justiça, única base que devem ter as relações sociais. E nem pode deixar de não ser assim, porque as evoluções históricas compreendem e abrangem em si todas as manifestações do espírito humano. Produzem uma filosofia, uma política, hão-de necessariamente produzir uma literatura, uma arte, porque elas são um espelho fiel onde se vêm reflectir em toda a sua verdade o espírito e a consciência dum época qualquer. A acção individual tem uma parte importante na formação duma grande obra, mas o meio físico e social deixaram nela o seu cunho profundo e indelével.

É por isso que eu não creio que tenha havido homem nenhum, por mais génio que tenha tido, que excedesse a sua época, o seu tempo; que os precedesse. Jesus mesmo não fez

mais do que obedecer à corrente de ideias que dominavam seu tempo.

É em nome destes princípios, que são confirmados pela história, que eu digo e afirmo que cada arte e que cada literatura teve o seu momento próprio, e que não se podem condenar essas manifestações do espírito em nome dos nossos princípios, porque eles saíram fatalmente da história. Censurar a Rafael o seu idealismo ao mesmo tempo cristão e pagão é uma loucura, porque nunca artista representou melhor as ideias do seu século que Rafael. Nos quadros deste grande mestre, na arquitectura deste tempo, é que se encontra o verdadeiro génio da renascença.

Uma questão não obstante tem agitado a crítica e é a seguinte: haverá progresso na nossa maneira de compreender hoje a arte? Eu respondo: há diferença e nada mais. É uma verdade, que não encontramos hoje um artista capaz de pintar o *Juízo final*, mas não é porque o espírito dos artistas do nosso tempo seja menos elevado, é porque compreendem o ideal de outra maneira, obedecem a outras influências e a outros agentes. Courbet, a mais poderosa organização artística deste século, e uma das maiores que tem tido a humanidade, não é superior a Miguel Ângelo, a Rafael, a Leonardo da Vinci: é diferente.

A arte grega não tem podido ser imitada até hoje, e não o será nunca. Em tempo nenhum se poderá alcançar aquela simplicidade maravilhosa, que faz a sua glória, aquela harmonia perfeita entre a forma e a ideia segundo a expressão de Hegel. Certamente que não, porque não vivemos num tempo em que as relações sociais sejam simples como no tempo de Péricles. O nosso ideal vive de elementos mais complexos, infinitamente mais complexos mesmo. O artista toma da sociedade em que vive tudo o que ela encerra, e é com esses elementos que ele forma o seu ideal. Em todos os tempos tem acontecido isto, e é daí que provêm as diferenças que se notam, que não constituem de maneira alguma a superioridade de uma arte sobre outra.

A arte só decai quando falseia o princípio a que ela tende, isto é, realizar as ideias na sua beleza, como a filosofia as realiza na sua verdade, e a consciência na sua justiça. Então decai como aconteceu por exemplo no segundo império com

Baudelaire, Leconte de Lisle e Sully Prudhomme, e tantos outros dignos filhos daquela época de corrupção, e que ainda são expressões do que essa época tinha de pior, de mais corrupto e dissolvente.

Foi por isso que o Sr. Eça de Queiroz entendeu muito bem: que a arte (e nela compreendo a literatura, isto é, drama, romance, poesia) deve ter uma aliança íntima com a filosofia e com os juízos da consciência, o que forma uma tríplice sanção às ideias que as tornará verdadeiramente legítimas e justas. É uma base duradoura e estável, sobre a qual a arte se desenvolverá livremente, quando todos os espíritos que voltarem a sua actividade para estas coisas, se compenetrarem bem deste princípio, que dá à arte uma missão elevada e nobre, missão que fará no futuro a sua glória, e que será um padrão imorredouro do espírito do nosso tempo, espírito de justiça, de verdade e de direito.

Desta maneira toda científica de compreender a arte — há nos nossos tempos, hoje, algum exemplo, alguma manifestação? Diz o Sr. Eça de Queiroz, que é o realismo. Penso também assim.

Procurar na sociedade, nas suas lutas, nos seus sofrimentos, nos seus trabalhos, na sua vida íntima, a matéria da arte. Estudar os caracteres à luz da psicologia, observar os costumes no que eles têm de mais exacto, de mais real, e desta maneira aprendermos a conhecermo-nos melhor a nós mesmos, e incitarmo-nos ao aperfeiçoamento; em uma palavra, o ideal como fim e não como meio.

É este o realismo como o compreende o Sr. Eça de Queiroz, como eu o aceito, e comigo todos os que têm em vista a realização da justiça na sociedade, que toma então o nome grande e quase santo de direito.

Vê-se por isto que influência [a arte pode ter] nos costumes, que acção salutar e moralizadora a arte realista, ou a arte crítica, pode exercer. A consciência encontrará ali exemplos a seguir e a imitar, e outros a condenar e a evitar com cautela.

Que maior grandeza poderá ter uma arte que sem falsear nenhum dos princípios que a regem, e obedecendo às leis históricas, podia transformar o que era erro em verdade, o que

era superstição em certeza, o que era mau e nocivo no que é justo, grande e belo. Pela minha parte confesso que pasmo e admiro diante de uma arte que tem um ideal tão elevado, e que me sinto orgulhoso por ver o caminho nobre e legítimo entre todos os que o espírito humano seguiu quando, iluminado pela justiça, criou uma arte digna do seu tempo, digna da sua influência, e digna das consciências a quem ela se dirige. É a elevação da alma humana operada por ela mesma.

É a arte vivendo sobretudo das ideias, quando até aqui tinha vivido quase exclusivamente dos sentimentos. Dirige-se especialmente à razão, e não à sensibilidade como entre os antigos.

Em Portugal há uma arte realista? Sem hesitar respondo com toda a convicção que não há. Percorramos os inumeráveis romances que tem produzido a nossa literatura, os dramas dos nossos dramaturgos, os recolhimentos de poesia e, sem prevenção, responda-me o leitor se algumas destas obras têm o cunho do realismo, ou ainda se há nelas a mais pequena tendência para esse ideal.

Vem a propósito dizer aqui a minha opinião sobre um escritor notável entre nós, Júlio Diniz. O autor das *Pupilas do Sr. Reitor* é considerado por algumas pessoas como um realista. Na minha opinião tal classificação é inexacta. Nos romances de Júlio Diniz não há realidade senão nas descrições, nas paisagens, talento que poucas pessoas têm como ele em Portugal. Porém os caracteres que ele descreve se são reais como indivíduos não se manifestam assim. Falam eloquentemente, são ainda idealistas e não realistas. Isto nada tira ao encanto doce e perfumado que têm os romances de Júlio Diniz, mas a verdade é que ele é um paisagista e de nenhuma maneira um romancista como nós o queremos hoje.

No entanto os romances de Júlio Diniz têm em Portugal uma grande originalidade porque vivem de sentimentos que são de todos os tempos, enquanto que outros vivem de tudo quando é antigo, de tudo o que passou, de tudo que não interessa em nada, nem à nossa consciência, nem à nossa razão. Não afirmam nada, não negam nada, não criticam nada: para que servem? Para serem esquecidos dentro em pouco, quan-